

Danillo Gimenes Villa<sup>1</sup>

# **Eu te darei o céu, meu bem - permanência.**

I'll give you heaven, sweetie -  
permanence.

Je te donnerai le ciel, mon amour -  
permanence.

## Resumo

Eu te darei o céu, meu bem - permanência. 32 fotos de 32 dias em que visitei uma galeria e descolei, de uma parede, uma foto gigante de um objeto que voa em uma paisagem rural. Após alguns dias repetindo a ação, não reconhecia mais o que a imagem registrava. A galeria, vazia e lavada, passou a guardar uma paisagem incomunicável. Procurei o que Deleuze chamaria de a sutileza insubstituível do associacionismo.

**Palavras-chave:** Paisagem; Memória; Apagamento; Permanência.

## Abstract

I'll give you heaven, sweetie - permanence. 32 photos from 32 days when I visited a gallery and took off, from a wall, a giant photo of an object that flies in a rural landscape. After a few days repeating the action, no longer recognized what the image registered. The gallery, empty and washed, started to keep an incommunicable landscape. I looked for what Deleuze would call irreplaceable subtlety of associationism.

**Key-words:** Landscape; Memory; Erasure; Permanence.

## Résumé

Je te donnerai le ciel, mon amour – Permanence. 32 photos de 32 jours pendant lesquels j'ai parcouru une galerie et j'ai décollé d'un mur une photo géante représentant un objet volant dans un paysage rural. Après quelques jours à répéter la même action je ne reconnaissais plus ce que l'image représentait (enregistré). La galerie vide et lavée a commencé à recéler un paysage incommunicable. J'ai cherché ce que Deleuze appellerait la subtilité irremplaçable de l'associationnisme.

**Mots-clés:** Paysage; Mémoire; Effacement; Permanence.

---

<sup>1</sup> Doutor em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2012), mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (2003) e graduado em Educação Artística pela mesma instituição (1994). É professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina, das disciplinas de Desenho e Pintura. Atua como chefe da Divisão de Artes Plásticas da Casa de Cultura da UEL - desde 2011. É coordenador e orientador do projeto - Ateliê Permanente.

## Eu te darei o céu, meu bem - permanência

Eu te darei o céu, meu bem - permanência - é um conjunto de fotos que surgiu da retirada (que durou 32 dias) de uma foto de 3,10 x 9,40 m da parede da galeria do departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual, em Londrina. A foto foi feita na chácara onde meus pais vivem, no interior de São Paulo. Nela, aparece parte da propriedade como cenário e uma espécie de edredom de pelúcia azul claro, que foi fotografada no momento em que foi lançado ao ar. O título, pré-existente, funciona como proposição de diversos trabalhos. Eu te darei o céu meu bem, é uma mentira sedutora, inicialmente. A tentativa de tornar a sentença um fato gerou o edredom (1,5 x 5m), que foi lançado muitas vezes ao ar e caiu, todas as vezes. A foto, bonita, porque tudo pode se tornar "bonito na foto", foi escolhida entre muitas. Ampliada até a dimensão da parede disponível, participou de uma exposição e sua evidência era indiscutível. A mentira inicial que a gerou, que fica boa na boca dos charlatões, volta e meia retorna, porque mentiras sinceras interessam.

Para a sentença, há uma pele a cada vez, que muda sua materialidade batizando diferentes objetos a cada vez, na dimensão ou na maneira como se relaciona com o contexto. Já foi objeto na exposição: Nunca mais minta pra mim (DaP UEL 2012) ação, foto, cartão de visitas, e agora se desdobra em fotos de registro de um desaparecimento. A galeria foi reservada por mais um período (22/10 a 22/11 de 2019) após o término da referida exposição e, nesse período, foi criada uma rotina: ir todos os dias ao espaço e retirar uma parte da fotografia na parede. A galeria permaneceu fechada durante todo o tempo, como forma de intensificar a incomunicabilidade e a inacessibilidade para quem assistisse o processo pela frente, de vidro, da galeria. A intenção era fazer durar, repetir para estender, testar fisicamente a durabilidade da memória, com trocas inevitáveis mútuas entre experiência e mentiras, objeto, sentidos e arquivamentos.

Na vitrine da galeria fechada, foi plotado esse fragmento alterado de texto do livro *O Aleph*, de Jorge Luís Borges (alterações em itálico): Nas horas desertas ... ainda posso caminhar ... *A paisagem* costuma surpreender-me como *aparição involuntária, nos objetos, na consciência emprestada ou inventada*, na rasgadura do Véu. Vinculo essa opinião a esta notícia: para perder-se em Deus, os sufis repetem seu próprio nome ou os noventa e nove nomes divinos até que eles já nada querem dizer. Eu desejo percorrer esse caminho. Talvez acabe por gastar *a paisagem* à força de pensar e repensar nela; talvez, por trás da moeda, esteja o *Vazio* (BORGES, JORGE LUIZ, 1992, p.62).

Retornar e atacar a imagem, 32 vezes, 32 dias, em diferentes momentos dos dias, até que ela desaparecesse, multiplicando seus efeitos. Procurando a paisagem na imagem, que se desfazia, e movido por uma certa ansiedade que fazia o foco oscilar, pressenti a falência do processo, um não dar certo eminente, que colocaria tudo a perder. Didi Huberman diz, a respeito do estudo de Warburg sobre a sobrevivência das imagens, que "a incorporação...realmente se afigura uma espécie de 'fato psíquico total', um processo tão poderoso que, por 'apropriação' da coisa, é capaz de construir a identidade, esse 'sentimento do eu' [Ich-Gefühl], mas também de

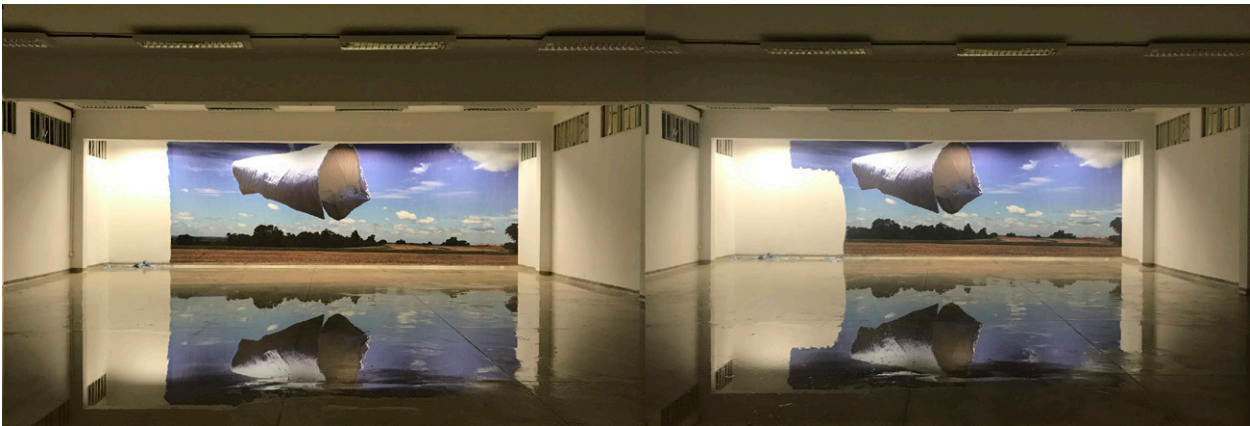
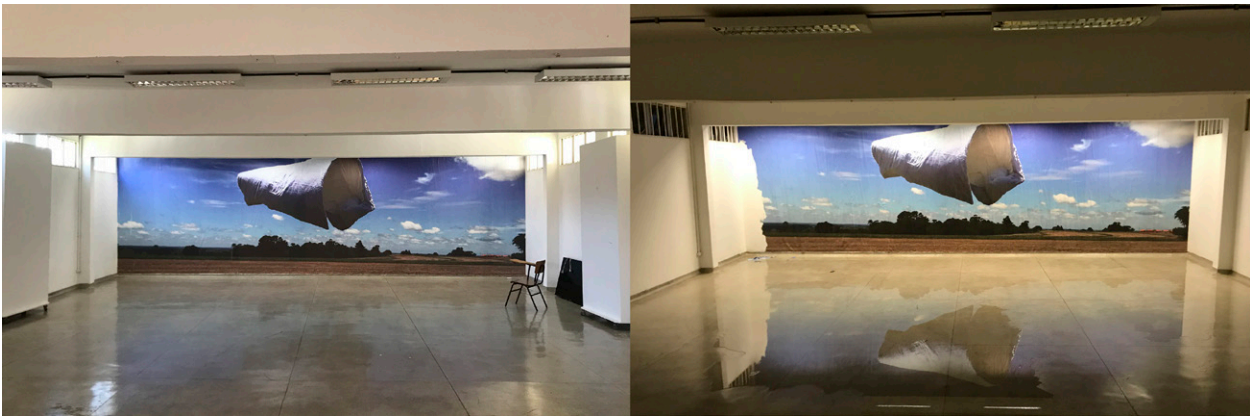
destruí-la, fazendo 'o sujeito se perder no objeto' [Verlust des Subjekt] " (DIDI-HUBERMAN, GEORGES, 2013, p.338).

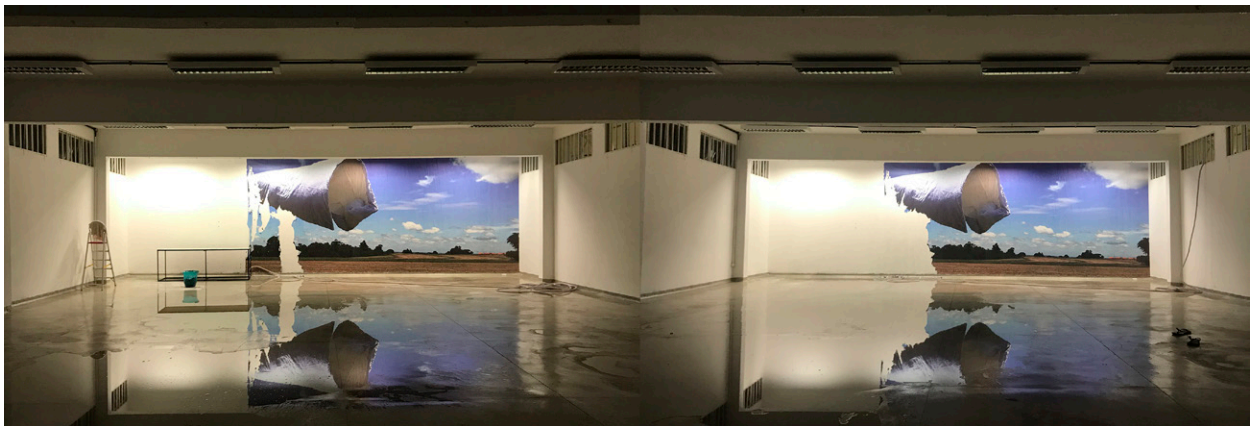
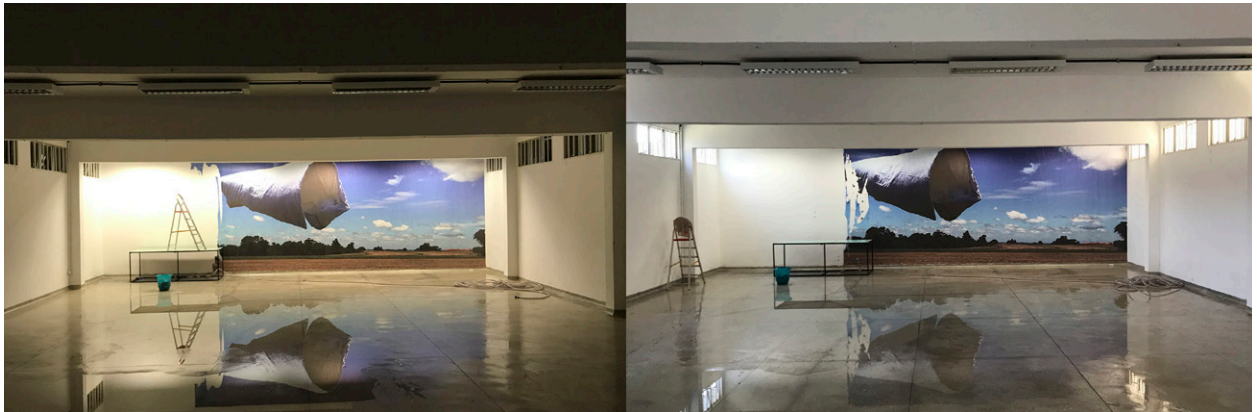
Recuo até a experiência no lugar onde a foto foi tirada, mas posso ir mais para trás se penso na sentença, mas também posso recuar para trás e para o lado, pensando em quem me fez usar a sentença e por que, ou em como aquela paisagem específica me afeta.

A foto impressa ocupou totalmente a parede do fundo da galeria. Assim instalada e por ser a foto de uma paisagem, fez parecer que a galeria se abria para uma área externa.

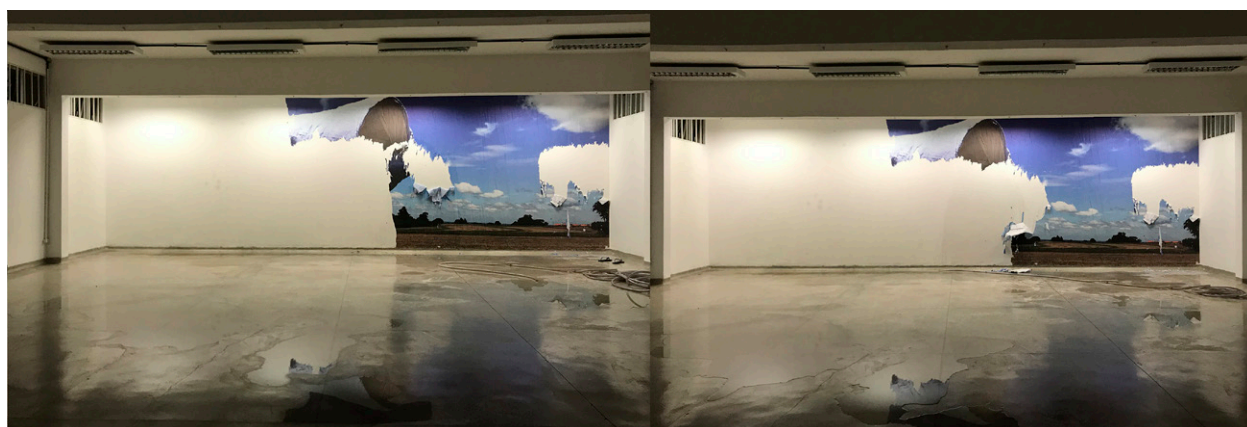
Muitas características convergem para a singularidade da imagem. Sua dimensão, a luz do meio dia que recorta o objeto que voa, o formato do edredom, que, inflado de ar, adquire a forma de uma espécie de túnel. Esses elementos somados despertam uma série de ritos diante de um núcleo que se traveste múltiplas vezes e permanece como forma misteriosa. Torna-se uma espécie de amplitude, uma paisagem que não sabia que poderia ser, um documento que certifica para si uma capacidade adquirida de ser o que não era depois de experimentar o que se tornou.

Sobre a imagem, a montagem na galeria e as fotos do processo apresentadas aqui: Tudo está voando ou caindo.



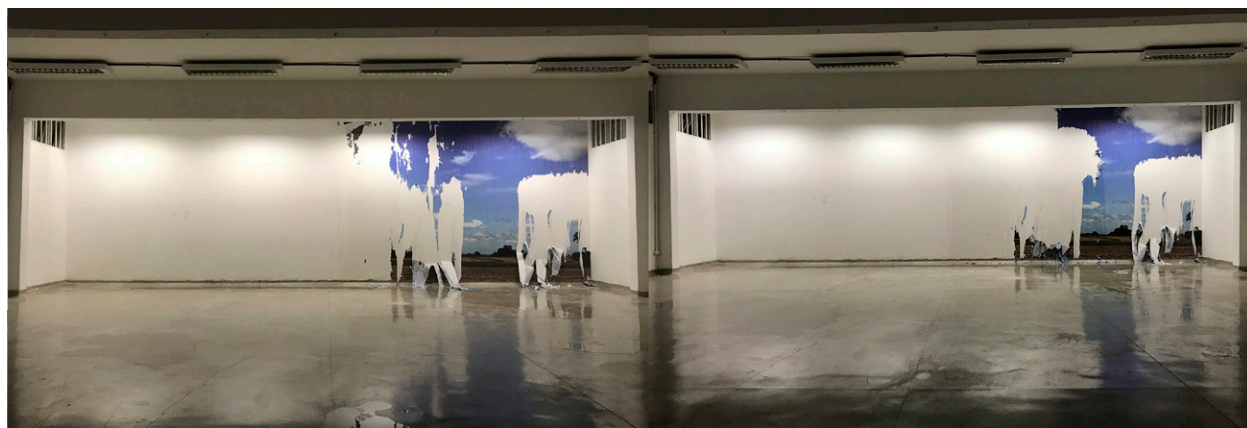


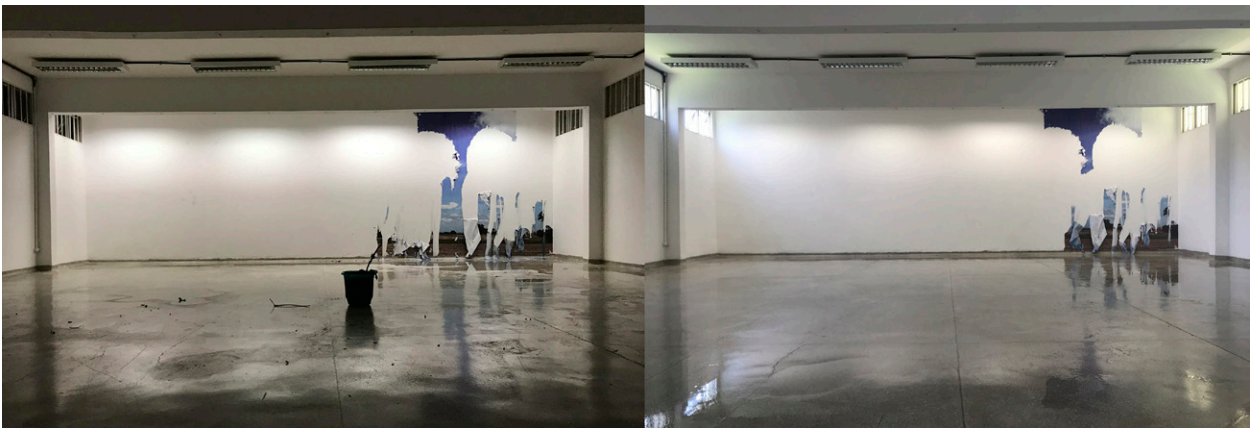
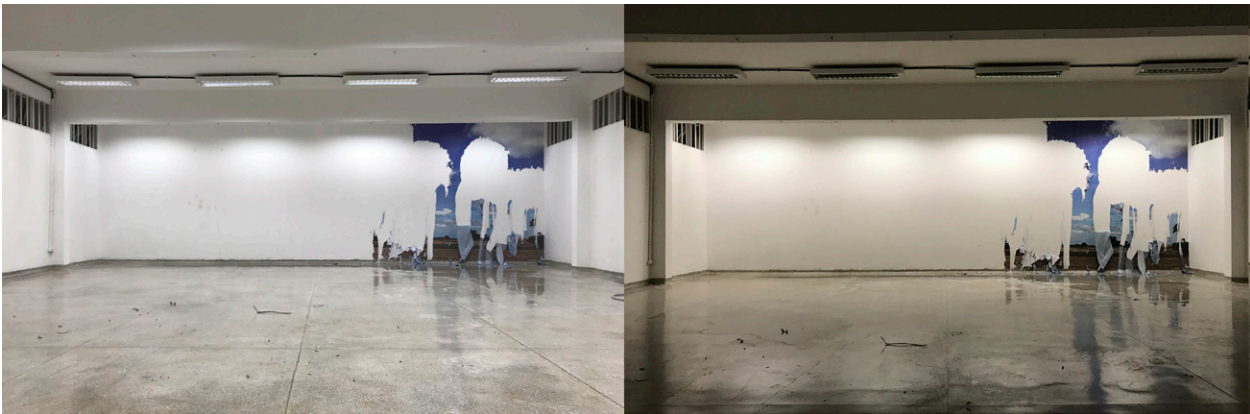


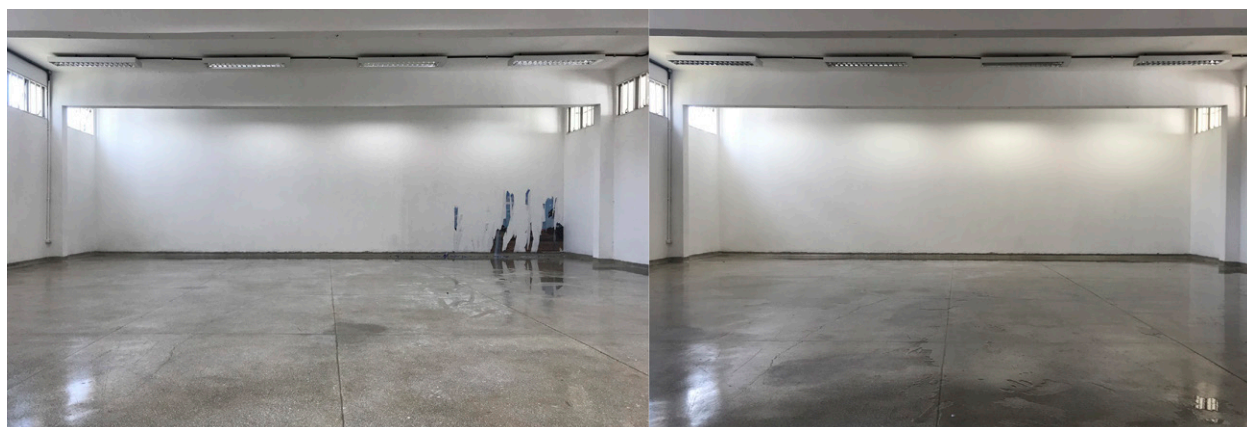
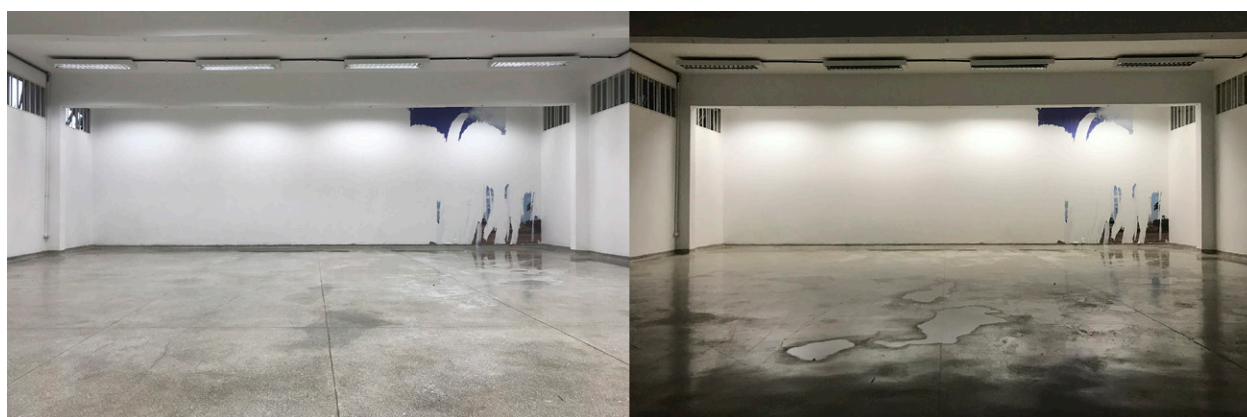












## Referências

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. São Paulo: Globo, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*: Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

Submetido em: 07/06/2020

Aceito em: 07/07/2020